

A relação centro-periferia e a formação de novas centralidades em Alfenas-MG

The center-periphery relationship and the formation of new centralities in Alfenas-MG

La relación centro-periferia y la formación de nuevas centralidades en Alfenas-MG

Evânio dos Santos Branquinho – evanio.branquinho@unifal-mg.edu.br
Professor do PPGEU - Universidade Federal de Alfenas - MG
Orcid : <https://orcid.org/0000-0001-6867-9740>

Nicolas Pereira Machado – nicolasmachado3m@gmail.com
Graduando em Geografia UNIFAL-MG / Bolsista FAPEMIG
Orcid : <https://orcid.org/0009-0005-2608-1982>

Alberto Tavares Mini - albertotmini@gmail.com
Graduando em Geografia – UNIFAL-MG
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-3420-7447>

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a relação centro-periferia e a formação de novas centralidades em Alfenas-MG, tomando como base sua expansão urbana a partir de meados do século XX, quando os processos de urbanização e industrialização se acentuam no país e articulam uma rede urbana mais densa e interdependente, a exemplo da região do sul de Minas Gerais. É a partir desse contexto que a estrutura centro-periferia se consolida no espaço intra-urbano e de acordo com o porte e as funções das cidades. Em Alfenas verifica-se uma expansão da mancha urbana de forma descontínua e em benefício da especulação imobiliária, acentuando os processos de segregação socioespacial. A partir de 2010, a expansão dos residenciais de alto padrão indicam novas formas mais intensivas de segregação socioespacial, dispersão da mancha urbana e formação de novas centralidades.

Palavras-chave: Cidade média, Periferização, Centralidades, Segregação socioespacial.

Abstract

This research aims to analyze the center-periphery relationship and the formation of new centralities in Alfenas-MG, taking as a basis its urban expansion from the middle of the 20th century, when the processes of urbanization and industrialization increased in the country and articulated a denser and more interdependent urban network, such as the southern region of Minas Gerais. It is from this context that the center-periphery structure is consolidated in the intra-urban space and according to the size and functions of the cities. In Alfenas, the urban area is expanding discontinuously and to the benefit of real estate speculation, accentuating the processes of socio-spatial segregation. From 2010 onwards, the expansion of high-standard residential housing indicates new and more intensive forms of socio-spatial segregation, dispersion of the urban area and the formation of new centralities.

Keywords: Medium city, Peripheralization, Centralities, Socio-spatial segregation.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo analizar la relación centro-periferia y la formación de nuevas centralidades en Alfenas-MG, tomando como base su expansión urbana a partir de mediados del siglo XX, cuando los procesos de urbanización e industrialización aumentaron en el país y articularon una red urbana más densa e interdependiente, como la región sur de Minas Gerais. Es a partir de este contexto que se consolida la estructura centro-periferia en el espacio intraurbano y de acuerdo al tamaño y funciones de las ciudades. En Alfenas, el área urbana se expande de manera discontinua y en beneficio de la especulación inmobiliaria, acentuando los procesos de segregación socioespacial. A partir de 2010, la expansión de la vivienda residencial de alto nivel indica nuevas formas más intensivas de segregación socioespacial, dispersión del área urbana y formación de nuevas centralidades.

Palabras clave: Ciudad mediana, Periferización, Centralidades, Segregación socioespacial.

Recebido em: 29/10/2023

Aceito: 16/11/2023

Publicado: 22/11/2023

Introdução

De um modo geral, é a partir de meados do século XX, que os centros urbanos passam a apresentar uma maior heterogeneidade econômica e social, quando as elites se direcionam a determinados eixos de valorização e status no espaço intra-urbano, não mais restritos à escala do bairro (VILLAÇA, 2001). Além disso, não se pode definir uma periferia propriamente antes desse momento, pois esta começou a se formar com a intensificação do processo de urbanização, impulsionado pelo avanço da industrialização do país, especialmente a partir da década de 1950, então o que havia no entorno desses centros eram arrabaldes e subúrbios pobres, sem as dimensões e complexidades das periferias atuais.

O objetivo do presente estudo é analisar a relação centro-periferia na estruturação e na consolidação de Alfenas como uma cidade média, a partir da segunda metade do século XX, embora já se estructure uma rede urbana ao final do século XIX, a partir da expansão da cafeicultura e com a implantação das ferrovias, que difundiram um processo de urbanização no sul de Minas Gerais.

Contudo, a urbanização adquiriu outra escala no Sul de Minas em meados do século XX, com a expansão industrial, das comunicações, das rodovias e a integração do mercado nacional. Esses processos convergiram na produção do espaço urbano e na maior exploração da renda terra, configurando novas formas de segregação socioespacial, das quais a formação de periferias constitui uma das características relevantes desses centros.

Uma questão importante não é a de simplesmente classificar a cidade de Alfenas na hierarquia da rede urbana, mas de caracterizar sua estruturação como uma cidade média. Dessa forma, referenciamos “cidade média” tanto epistemologicamente a partir da década de 1960 (AMORIN, 2007) quanto concretamente ao contexto de expansão urbano industrial do Brasil. Antes desse período, a classificação principal situava Alfenas como um centro regional de segunda grandeza (GEIGER, 1963).

Metodologia

Para entender a estruturação urbana de Alfenas, apoiamo-nos no método materialismo histórico dialético, na análise das categorias de centro e periferia mediadas pela de centralidade, no contexto do sul de Minas Gerais, da reestruturação

da rede urbana do país a partir de meados do século XX, quando se configura uma nova divisão territorial do trabalho e novas contradições emergem.

Os procedimentos metodológicos consistem em revisão bibliográfica referente às concepções de cidade média, a relação centro-periferia e centralidade, à urbanização do sul de Minas Gerais e de Alfenas; análise de dados secundários na base do SIDRA e IBGE Cidades; pesquisa de campo e confecção de material cartográfico. Para a exposição e análise dessas informações, emprega-se especialmente o mapeamento da expansão da mancha urbana de Alfenas desde a década de 1980, período de disponibilidade das imagens de satélite, até 2020, com intervalos de cinco anos.

Cidades médias, relação centro-periferia e centralidade

Amorin Filho (2007), um dos pioneiros dos estudos sobre cidades médias no Brasil, afirmava em 1976 que estas deveriam apresentar as seguintes características:

A cidade média deve ser capaz de manter relações constantes e de um nível de intensidade e de qualidade tanto com seu espaço regional, quanto com aglomerações urbanas de hierarquia superior.

A cidade média deve ter as condições necessárias para estabelecer relações de dinamização com o espaço rural micro-regional que a envolve.

Uma cidade média só deve ser considerada média na medida em que já apresente uma certa autonomia na criação de pelo menos uma parcela de seus equipamentos de relações externas (AMORIN FILHO, 1976 apud AMORIN FILHO, 2007, p. 25-26).

Destacam-se na passagem referida, a função da cidade média como um centro de intermediação entre as cidades pequenas e as grandes, bem como sua capacidade de polarizar a partir de seus próprios equipamentos de abrangência regional.

Santos (1993) indica a importância de contextualizar a concepção de cidade média ao processo histórico de industrialização e urbanização brasileiro, pois suas características mudaram de acordo com esta condição. Na discussão sobre a ampliação da divisão territorial do trabalho entre as cidades e sobre a mudança de um patamar populacional para a classificação de cidade média:

O consumo produtivo cria uma demanda heterogênea segundo os subespaços. Os equipamentos mercantis tendem a ser diferentes. O consumo produtivo rural não se adapta às cidades, mas, ao contrário, as adapta. A arquitetura dos diversos subsistemas é, desse modo, diversa. Há, na realidade, superposição dos efeitos do consumo consuntivo e do consumo produtivo, contribuindo para ampliar a escala de urbanização e

para aumentar a importância dos centros urbanos, fortalecendo-os, tanto do ponto de vista demográfico, quanto do ponto de vista econômico, enquanto a divisão do trabalho entre cidades se torna mais complexa. É assim que vamos ter no Brasil um número crescente de cidades com mais de 100.000 habitantes, o novo limiar de cidade média. Há três ou quatro décadas, as cidades médias eram as que tinham cerca de 20.000 habitantes (SANTOS, 1993, p. 50-51).

Este trecho refere-se às expressivas mudanças que as cidades e a rede urbana sofreram com o avanço da industrialização e urbanização do país no século XX. A passagem de uma economia agrário-exportadora para uma economia urbano-industrial, a qual a superação da população rural pela urbana na década de 1970 é um indicador dessas mudanças. Amplia-se a divisão territorial do trabalho, as cidades tendem a se especializar, com uma maior interdependência e concorrência entre estas, promovendo uma refuncionalização dos centros urbanos e uma rehierarquização. As cidades médias, consideradas aquelas de polarização regional e papel de intermediação entre as cidades pequenas e as grandes, assumem agora novas funções.

Com a intensificação da globalização econômica-financeira e o incremento das comunicações, há um maior nível de complexidade entre as cidades em suas funções e articulações, reconfigurando a rede urbana, a qual apresenta um padrão mais complexo. A desconcentração urbana industrial das metrópoles reforça o papel das cidades médias, não mais apenas em seu papel de intermediação regional, mas agora apresentando interações em múltiplos circuitos.

Quanto ao espaço intra-urbano dessas urbes, este também se transforma, seja em função de uma maior diversificação das atividades terciárias para atender à sua região de influência, seja assegurando uma especialização produtiva, com a reestruturação de seu espaço para se adequar a essas novas atividades, assim como o espaço urbano apresentando tendências de fragmentação e dispersão.

Quanto à relação centro-periferia, esta constitui um dos principais processos estruturantes do espaço urbano, resultante da seletividade espacial das atividades e das classes sociais de acordo com o seu poder econômico. Para Corrêa (2004, p. 8), o espaço urbano é concomitantemente fragmentado e articulado, o qual, em referência à área central: “As relações espaciais integram, ainda que diferentemente, as diversas partes da cidade, unindo-as em um conjunto articulado cujo núcleo articulado tem sido, tradicionalmente, o centro da cidade”. Enquanto a periferia é caracterizada:

A periferia da cidade, local da população de baixo status social, ratifica, em um momento posterior, este seu papel: é o *locus* de correntes migratórias da zona rural e de pequenas cidades, bem como de grupos provenientes de antigas periferias da cidade, agora valorizadas e que, por isso mesmo, eliminam parte de seus moradores. É em parte através deste processo que se expande o espaço urbano ao longo da periferia popular, sem amenidades (CORRÊA, 2004, p. 73).

Villaça (2004), apoiado em Marx, define a cidade capitalista, como o local de aglomeração das forças produtivas e o centro como o ponto de maior sobreposição de trabalho social e de convergência dos fluxos:

Essa é a origem material do valor concreto dos centros das aglomerações. Se a essência do valor de uso das localizações está associada à otimização dos deslocamentos de toda a comunidade, é nesse ponto que está cristalizada a maior quantidade de trabalho socialmente necessário despendido na produção da aglomeração e pela aglomeração. Isso significa que nenhum outro ponto o supera em matéria de trabalho cristalizado, em valor de uso, ou seja, em acessibilidade (VILLAÇA, 2001, p. 241).

De modo dialético, o autor afirma que inevitavelmente o centro, por concentrar valor de uso, gera afastamentos, ou seja, uma periferia: “Toda a aglomeração, desenvolvida precisamente para gerar a aproximação, gera afastamento. A aglomeração em um único ponto é impossível; logo, alguém será obrigado a se afastar” (VILLAÇA, 2011, p. 238). Nesta afirmação, deriva-se tanto a questão da segregação socioespacial quanto a periferia, que em contraposição, é o local onde existe menos trabalho social incorporado em sua produção.

Com relação aos *pontos*, locais com a capacidade de convergência de fluxos no espaço intra-urbano, o autor destaca que a dinâmica espacial urbana é condicionada pela transformação destes, os quais podemos associá-los à centralidade:

Os pontos do espaço intra-urbano condicionam a participação do seu ocupante tanto na força produtiva representada pela cidade como na absorção, através do consumo, das vantagens da aglomeração. Esse é o valor de uso do ponto – sua capacidade de fazer com que se relacionem entre si os diversos elementos da cidade. Esse “relacionamento” se dá de diversas formas e por meio de diversos fluxos – o transporte de mercadorias, de consumidores, de força de trabalho ou as comunicações –, os quais têm importância e papéis diferentes conforme se trate do espaço regional ou intra-urbano (VILLAÇA, 2001, p. 78).

O fator crucial na dinâmica da cidade é a acessibilidade, por meio das vias de circulação, pois esta é quem permite uma maior ou menor articulação dos locais, na produção das localizações e, assim em sua valorização diferencial. “Quanto mais central o terreno, mais trabalho existe dispendido na produção dessa centralidade,

desse valor de uso. Os terrenos. da periferia têm menos trabalho social incorporado em sua produção do que os centrais” (VILLAÇA, 2001, p. 74).

A centralidade trata-se de um conceito mais flexível, contribuindo para uma melhor compreensão desta relação centro-periferia na atualidade, afastando-se de uma visão dualista, especialmente com a complexificação socioeconômica dos espaços periféricos, caracterizados não apenas pelas distâncias em relação às áreas centrais, precariedade de infraestrutura e dos serviços públicos, assim como de homogeneidade de uma população com menor poder aquisitivo. Conformam-se mais recentemente periferias diversas e de maior complexidade em termos de dinâmicas sociais e econômicas, que apresentam determinado nível de centralidade com relação aos serviços e equipamentos e polarização de seu entorno.

Para Sposito (2013, p. 73), a centralidade não se trata de um local específico, “[...] mas a condição e expressão de central que uma área pode exercer e representar”. Segundo a autora, os fluxos são os elementos principais para o estabelecimento sempre transitório da centralidade:

A multiplicação de áreas de concentração de atividades comerciais e de serviços revela-se através da nova espacialização urbana, permitindo-nos identificar o conceito de *centro* prevalentemente à dimensão espacial da cidade [...]

Essa redefinição não pode, no entanto, ser analisada apenas no plano da localização das atividades comerciais e de serviços, como já tem sido destacado por diferentes autores, mas deve ser estudada a partir das relações entre a localização e os fluxos que ela gera e que a sustentam. Os fluxos permitem a apreensão da *centralidade*, porque é através dos nódulos de articulação da circulação intra e interurbana que ela se revela (SPOSITO, 2013, p. 73).

A centralidade pode abranger desde o centro principal da cidade, aos subcentros e pontos de comércio local de bairros e aqueles em eixos de grande circulação. Em relação a este conceito, sua maior dificuldade reside em estabelecer os seus limites segundo sua área de influência.

Finalmente, é importante diferenciar qualitativamente as periferias das pequenas e médias cidades das grandes cidades. Em cidades menores, com relação às distâncias da periferia ao centro, não perfazem extensos deslocamentos como nas metrópoles, essas distâncias podem chegar, por exemplo, de dois a quatro quilômetros, pois não é distância física que define uma área ser considerada periferia ou não, mas sim o acesso à infraestrutura e aos serviços coletivos. Nesse sentido, apesar das significativas mudanças nas periferias atuais, onde as

infraestruturas e serviços coletivos existem mas são marcados pela precariedade, outro indicador importante é em relação aos tipos de trabalhos, em sua maioria caracterizados por serviços temporários e subempregos, assim como na dependência de auxílios de rendas do governo.

A relação centro-periferia em Alfenas

A estruturação centro-periferia em Alfenas dá-se efetivamente com a intensificação dos processos de industrialização e urbanização do país a partir da década de 1950, da ampliação da malha rodoviária, da rede de energia e das comunicações, assim como as mudanças das relações produtivas e de trabalho no campo, intensificando a urbanização.

Como exemplo desse processo, pode-se citar a instalação da Usina Hidrelétrica de Furnas no início da década de 1960, a qual torna-se também uma condicionante do êxodo rural, assim como para a desativação da rede ferroviária e a ampliação da malha rodoviária na região. É neste período que a população urbana supera a rural em Alfenas, alcançando uma população total de 25.852 habitantes (IBGE, 1962).

Alfenas, em suas particularidades, também comportou um processo de urbanização e industrialização, como no caso da instalação da tecelagem Saliba em 1961, proveniente de São Paulo, indicando a desconcentração urbana industrial das metrópoles, a qual instalou-se na cidade em função da mão de obra, terreno e impostos mais baixos.

A instalação da Saliba aponta um período de crescimento da indústria em Alfenas, com o incremento do consumo produtivo, em atividades não diretamente ligadas ao campo, assim como de uma maior estratificação social. A tecelagem demonstra a transição de uma economia agrícola para uma economia cada vez mais urbana-industrial e sua maior articulação à rede urbana, passando a atrair população do campo, na medida em que este se mecaniza, concentra a propriedade e constitui relações de trabalho assalariado.

Nesse sentido, delineava-se a estruturação de uma cidade média, especialmente por meio de instituições de ensino superior e serviços médico-hospitalares, constituindo assim uma hinterlândia, um espaço micro regional formado de pequenas cidades e do rural, articulados à malha rodoviária em

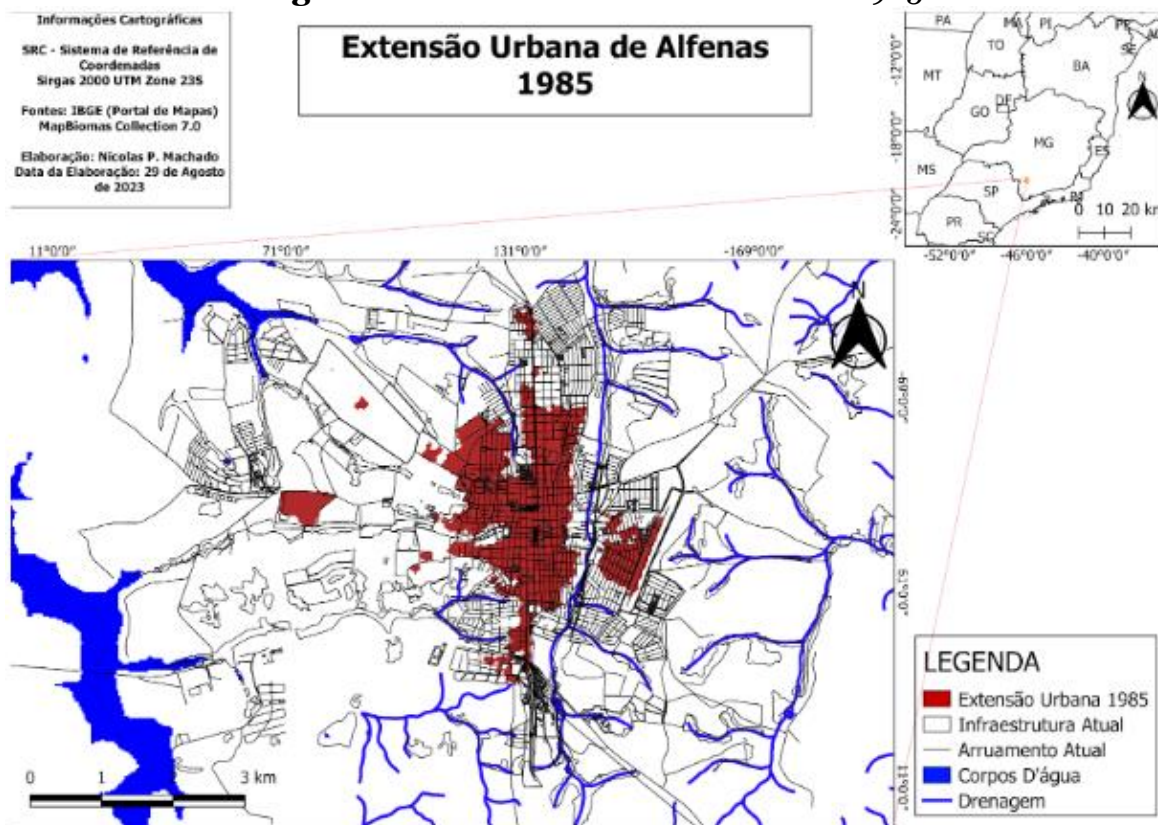
expansão. Por sua vez, sendo polarizado por cidades médias mais estruturadas como Varginha e Poços de Caldas.

No espaço intra-urbano, a implantação do primeiro grande loteamento na década de 1950, o Jardim São Carlos, e na década de 1960, o conjunto habitacional Vista Grande, marcados por uma ocupação ainda lenta, anunciavam a formação de uma periferia, com a formação de bairros populares na zona norte, com destaque também para a ação dos loteadores e do poder público no direcionamento do crescimento da cidade, até então uma cidade de conformação mais compacta em sua mancha urbana e monocêntrica.

Todavia, a partir da década de 1970, esboça-se um deslocamento de parcela da elite do Centro, com os loteamentos do Jardim Aeroporto e Jardim da Colina. Evidentemente, dentro das particularidades e dinâmicas de uma cidade de menor porte. Sendo apenas uma repartição dessa elite, pois parcela desta continua a ocupar o Centro e os seus arredores imediatos. Não se verifica um processo de decadência da área central, como ocorre em cidades de maior porte, onde há a transformação funcional da área central, conformando praticamente um núcleo de atividades terciárias na praça da matriz e adjacências, com o uso residencial menos expressivo especialmente em edifícios.

Na década de 1980, a implantação da COHAB no Pinheirinho na zona oeste, fora do perímetro urbano e com precariedade de infraestrutura e serviços públicos, marca a forma de expansão horizontal da mancha urbana, deixando grandes vazios urbanos para fins de especulação, segregando a população mais pobre para locais mais distantes e precários. No mapa a seguir, destacam-se as COHABs no Pinheirinho na zona oeste e a do Vista Grande na zona norte, ambas fora do perímetro urbano (Figura 1).

Figura 1 - Mancha urbana de Alfenas em 1985

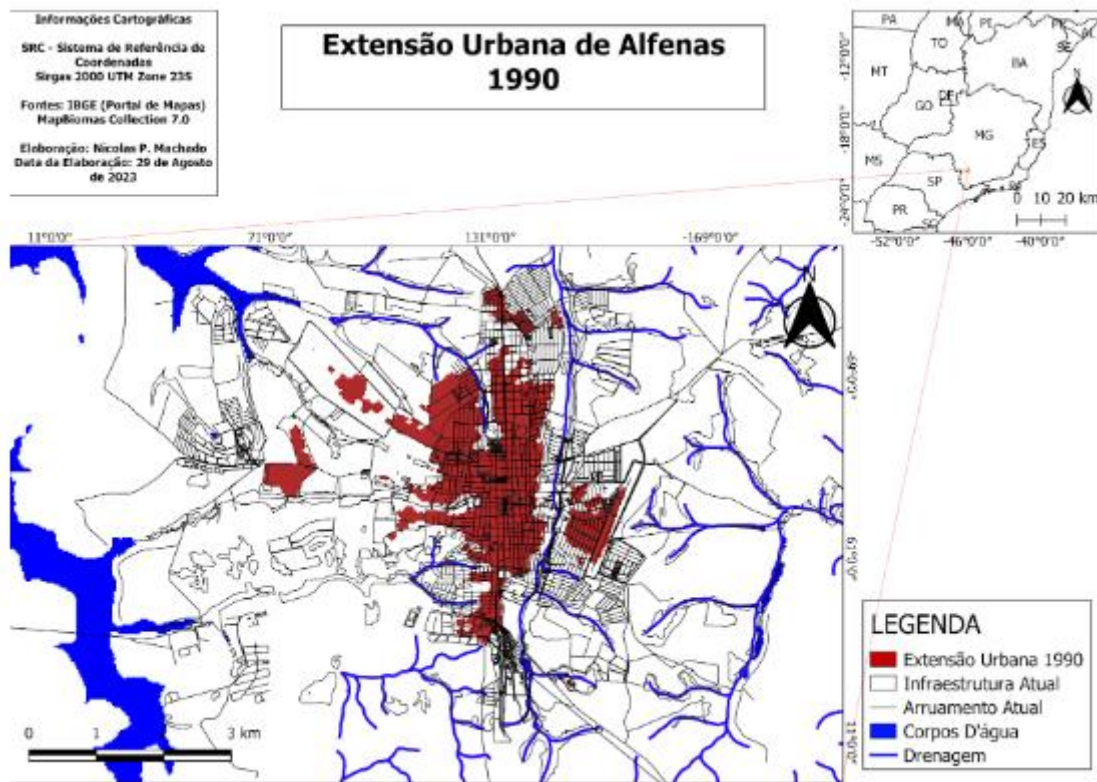


Fonte: IBGE – Portal de Mapas; MapBiomias – Collection 7.0.

Em 1988, a implantação da Universidade José do Rosário Vellano (Unifenas) aumentou o fluxo de estudantes, inflacionando o valor dos imóveis na zona sul da cidade, o que acabou expulsando moradores de menor poder aquisitivo para as zonas oeste e norte, onde os valores dos imóveis e dos terrenos eram menores.

Nos anos 1990, nota-se um crescimento da ocupação no Jardim São Carlos e arredores do Vista Grande, nos loteamentos Morada do Sol e Pôr do Sol, assim como no Distrito Industrial. Na zona leste, com exceção do Santos Reis e o Jardim Aeroporto, o córrego Pedra Branca e suas vertentes acentuadas a leste dificultam a expansão nessa direção, a cidade se expande paralelamente ao córrego (Figura 2).

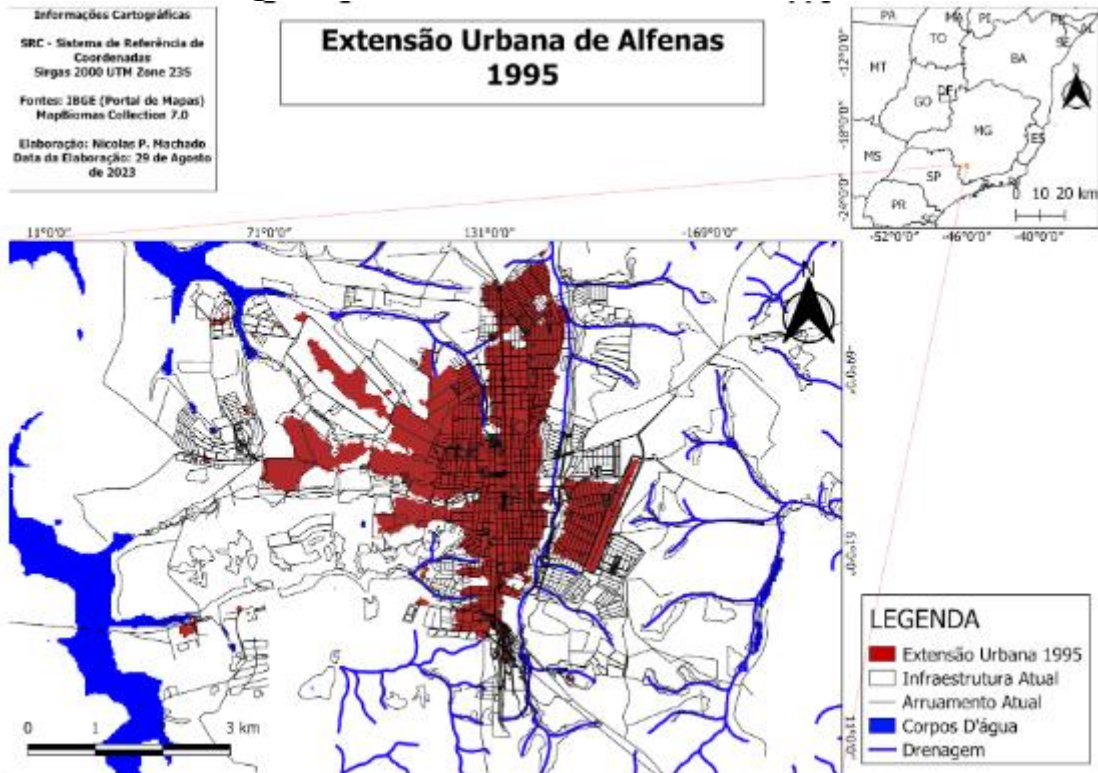
Figura 2 - Mancha urbana de Alfenas em 1990



Fonte: IBGE – Portal de Mapas; MapBiomas – Collection 7.0.

Em 1995, verifica-se um maior adensamento da mancha urbana, indicando um ritmo de crescimento mais acentuado, com destaque nas porções oeste e norte, com o vazio urbano entre o Pinheirinho e a mancha urbana sendo ocupado nos bairros Jardim Boa Esperança, Alvorada e Recreio Vale do Sol, e no Distrito Industrial. Na porção norte, uma maior ocupação no Jardim São Carlos, Primavera, Campos Elíseos, Itaparica, Vila Esperança e Vila Promessa. Na zona leste, a expansão do Jardim Aeroporto e arredores (Figura 3).

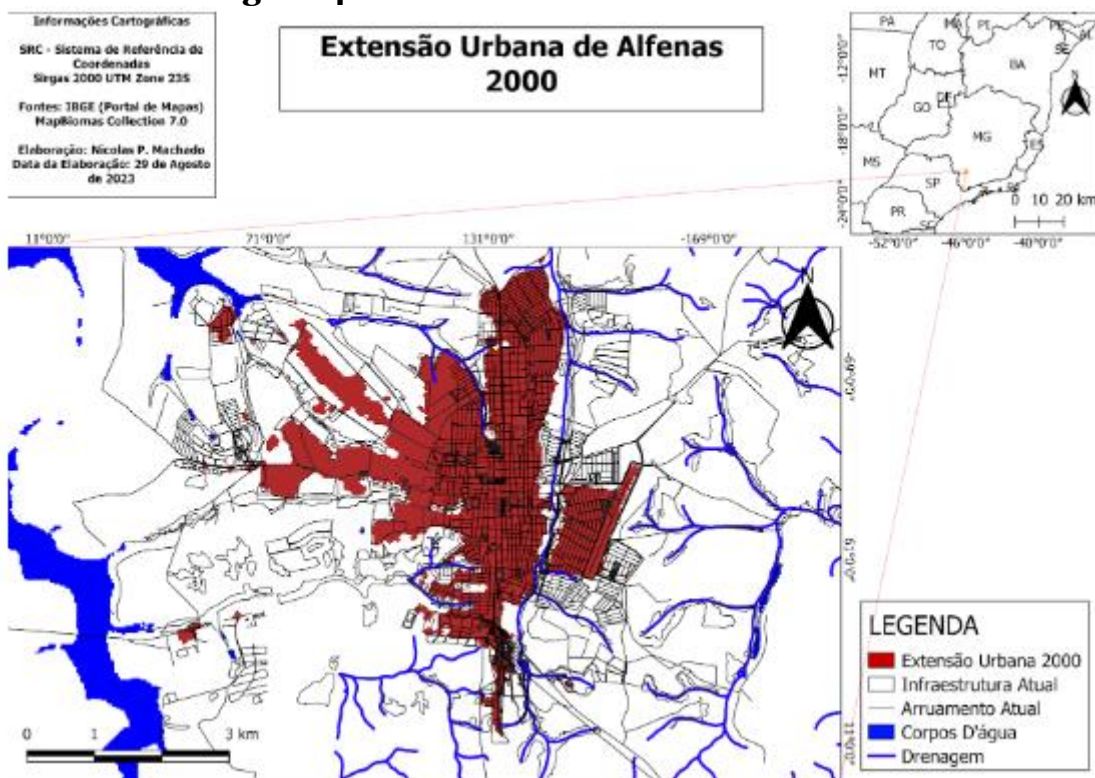
Figura 3 - Mancha urbana de Alfenas em 1995



Fonte: IBGE – Portal de Mapas; MapBiomas – Collection 7.0.

Nos anos 2000, o ritmo de crescimento é menor que no período anterior, destacando a ocupação de alguns vazios urbanos, como no Jardim Boa Esperança, o loteamento do Jardim Novo Horizonte, a expansão do Distrito Industrial. Descontínuo à mancha urbana e às margens do lago de Furnas, o loteamento do condomínio fechado Porto Seguro; na zona Sul, o Residencial Vila Teixeira e o loteamento Trevo, transpondo a BR 491, Rodovia Domingo Ribeiro Resende (Figura 4).

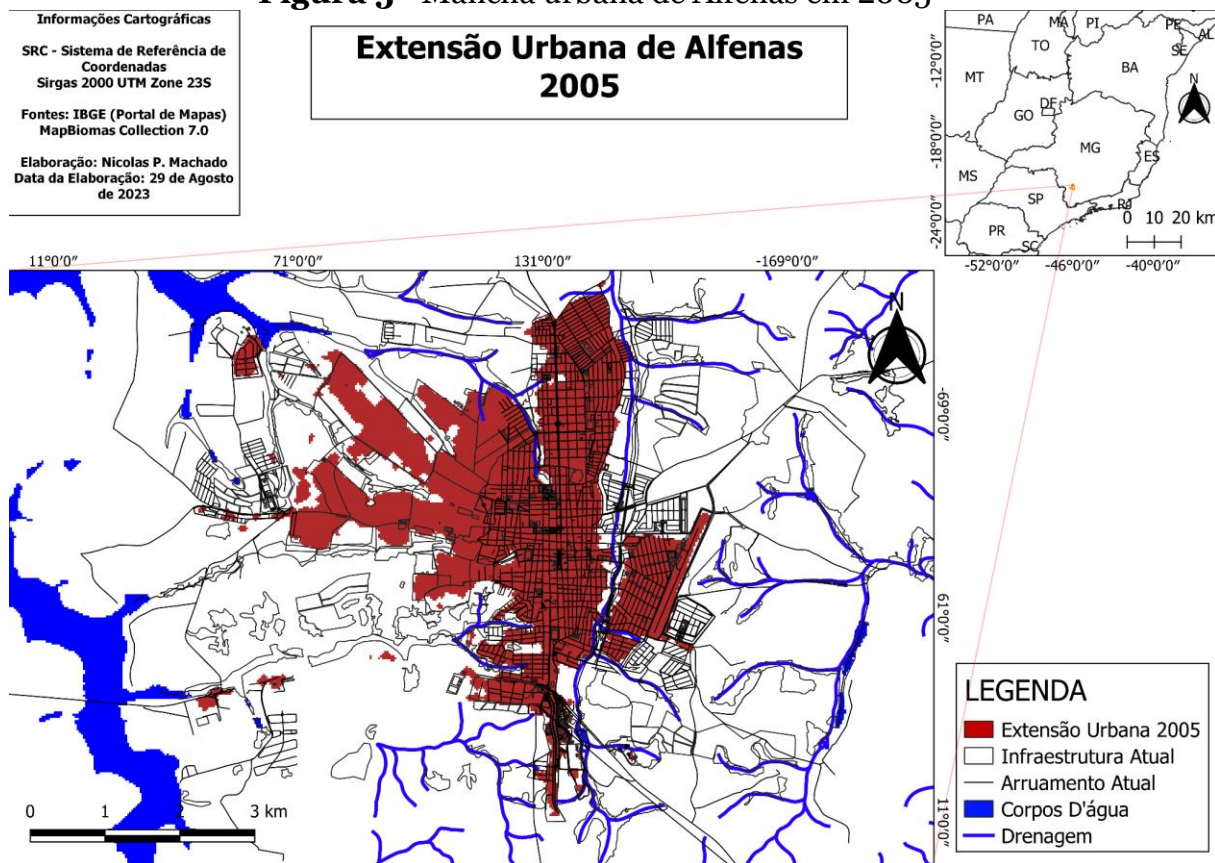
Figura 4 - Mancha urbana de Alfenas em 2000



Fonte: IBGE – Portal de Mapas; MapBiomas – Collection 7.0.

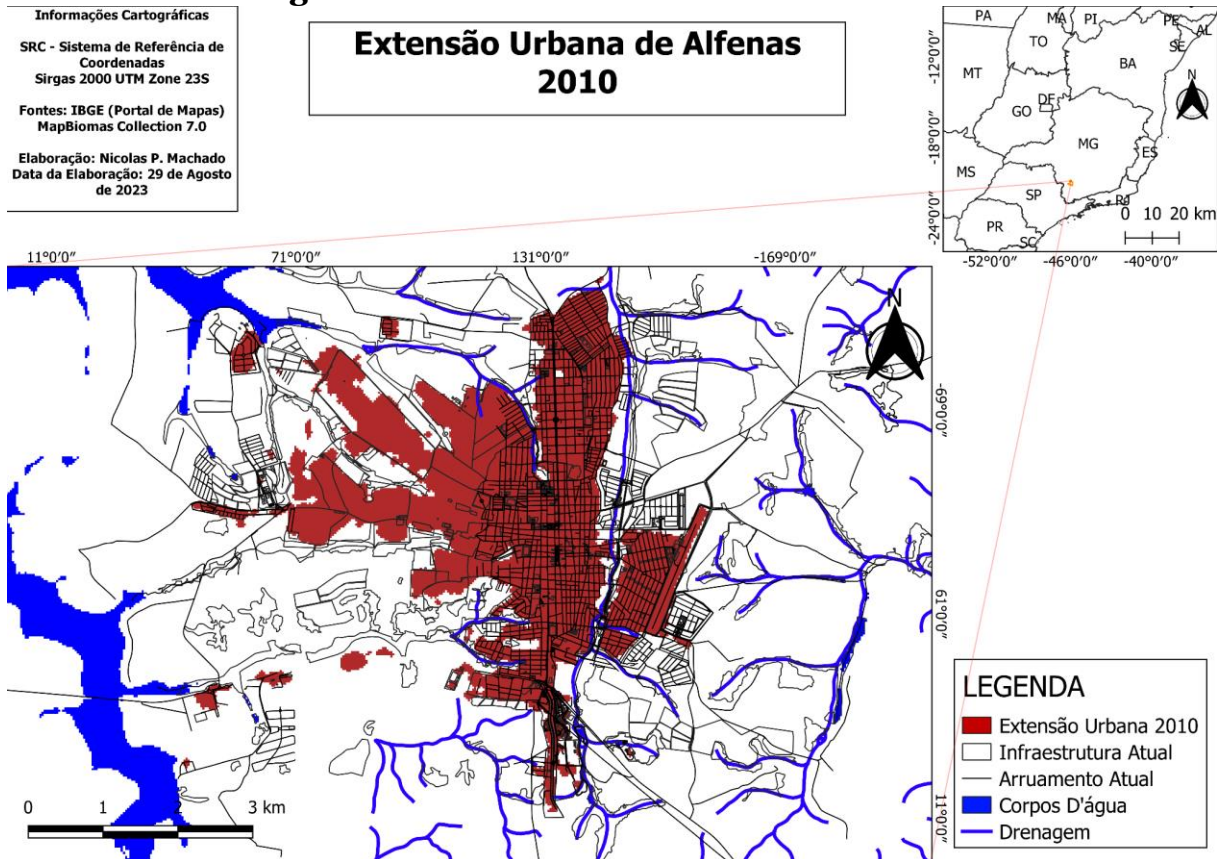
Nos anos 2005, notam-se alguns novos loteamentos, como o Jardim São Paulo e Residencial Oliveira, a expansão do Distrito Industrial na zona Oeste, e o Jardim São Lucas na zona Leste (Figura 5).

Figura 5 - Mancha urbana de Alfenas em 2005



Nos anos 2010, praticamente todo o crescimento da mancha urbana ocorre na zona Oeste, com um maior adensamento do Jardim São Paulo e o Santa Clara, assim como uma expansão descontínua ao longo da BR 491 (Figura 6).

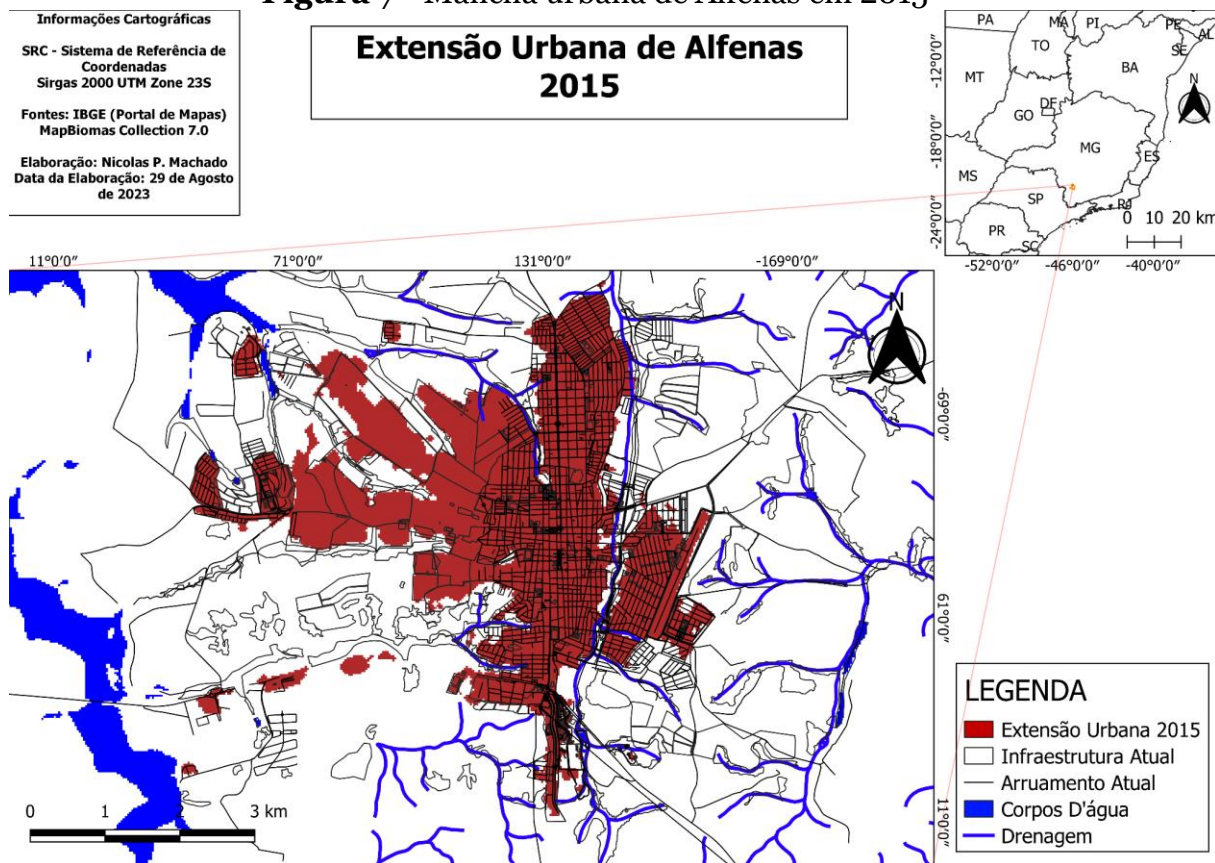
Figura 6 - Mancha urbana de Alfenas em 2010



Nos anos 2010, entre as particularidades da cidade e, em relação às dimensões de sua mancha urbana, salienta-se a multiplicação dos loteamentos, especialmente na zona oeste da cidade com a instalação do Campus II da Unifal. Enquanto os residenciais fechados ficam relativamente próximos ao centro na porção Leste, os mais distantes formam enclaves na periferia.

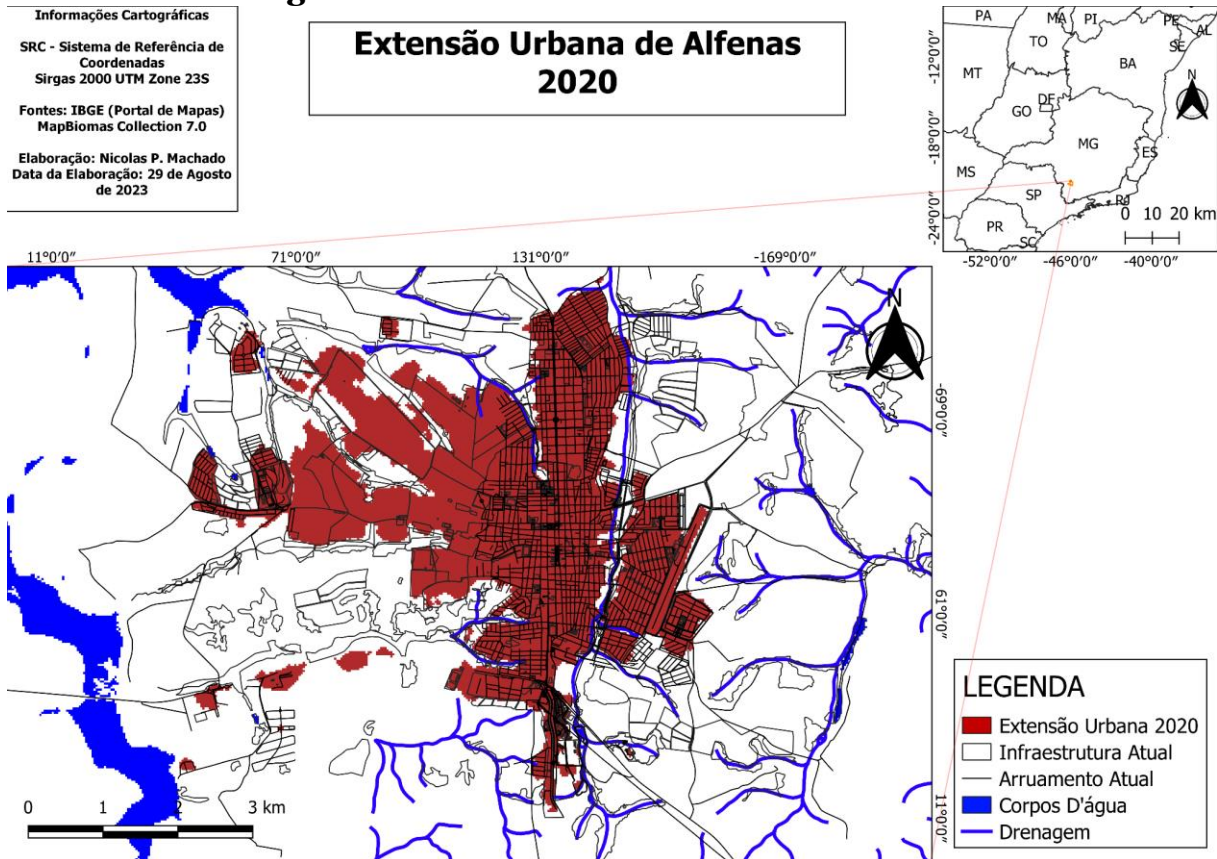
Em 2015, já se destacam a implantação do campus II da Unifal na porção oeste, assim como novos loteamentos no entorno, como o Cidade Universitária, Alto da Boa Vista e o Residencial Vale Verde; na zona Leste, os condomínios fechados Mont Blanc, Floresta e Cidade Jardim (Figura 7).

Figura 7 - Mancha urbana de Alfenas em 2015



Nos anos 2020, destacam-se os novos loteamentos na zona oeste o residencial Portal Universitário e o Jardim Tupã, próximos ao campus II da Unifal; Dona Anita, próximo ao Distrito Industrial; o Júlio Alves e o Residencial Olimpia próximos ao Residencial Oliveira na zona Oeste; na zona Leste, o Alto do Aeroporto, Jardim Aeroporto III, e um maior adensamento dos residenciais fechados já existentes (Figura 8).

Figura 8 - Mancha urbana de Alfenas em 2020



Entre os anos de 2010 e 2016, houve um total de 16 novos loteamentos na cidade, sendo seis residenciais fechados de alto padrão. Antes desse período, existia na cidade apenas um condomínio fechado. A periferia tradicional, mais homogênea com uso residencial de uma população mais pobre, caracterizada pela precariedade de infraestrutura e mobilidade, vai dando lugar a uma periferia mais complexa na atualidade. Caracterizada por uma maior diversidade de usos e classes sociais que convivem mais próximos, mas de modo rigidamente segregados, é o que Caldeira (2000) denomina de “enclaves fortificados” sobre os condomínios de alto padrão:

Todos os tipos de enclaves fortificados partilham algumas características básicas. São propriedade privada para uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos. São voltados para o interior não em direção à rua, cuja vida pública rejeitam explicitamente. São controlados por guardas armados e sistemas de segurança, que impõem as regras de inclusão e exclusão (CALDEIRA, 2000, p. 258-259).

O maior espraiamento da mancha urbana indica a formação, ao longo dos principais eixos de circulação, de um comércio local e ou de passagem, constituindo

novas centralidades, que futuramente podem evoluir para subcentros, estes entendidos como pontos que adquirem autonomia em relação ao centro principal. Pode-se destacar os pontos comerciais e de serviços no Pinheirinho, no entorno da praça na avenida Jovino F. Sales; e na avenida Lincoln Westin da Silveira, nas proximidades do Hospital Alzira Velano. No entorno da área central, verifica-se tanto a expulsão de atividades menos valorizadas para o seu pericentro, a exemplo de oficinas e depósitos de materiais de construção, como um processo de verticalização, especialmente nos arredores da Unifal, com prédios de quatro ou cinco pavimentos.

Um fato que chama a atenção é a grande quantidade de loteamentos em relação ao porte da cidade. Haveria demanda para todos esses loteamentos? Uma parte desses lotes estão lá como investimento, são ativos de prazo mais longo, visando uma valorização futura, ou seja, especulação imobiliária. Todavia, cabe ao poder público ordenar essa expansão. Mas uma visão/ideologia dominante no país é que esses investimentos significam crescimento, geração de empregos, mais arrecadação pública etc. Em contraposição, a população fica à mercê das estratégias dos promotores imobiliários, onde estes disponibilizam novos lotes, condicionando o crescimento malha urbana, assim como a segregação socioespacial.

O centro e as novas centralidades em Alfenas

Com a expansão da mancha urbana, há a tendência da periferia roubar centralidade do centro, as distâncias aumentam e possibilitam a formação de pequenos centros locais de comércio e serviços básicos, bens que não compensariam um deslocamento até o centro. Por outro lado, a expansão do centro, aumentando sua polaridade para as cidades da região, expulsa atividades menos valorizadas para o pericentro e a periferia, como oficinas de veículos, lojas de materiais de construção, especialmente ao longo dos eixos de maior circulação. A expansão do centro ao pericentro, também promove a expansão deste último à periferia, empurrando atividades e população de menor poder aquisitivo para a periferia.

O centro torna-se cada vez mais terciário e menos residencial, desconcentrando a população para as demais zonas da cidade. Adicionalmente, a pressão da demanda imobiliária no centro contribui para a sua verticalização, a função residencial no centro direciona-se aos edifícios, mas também ocorre o

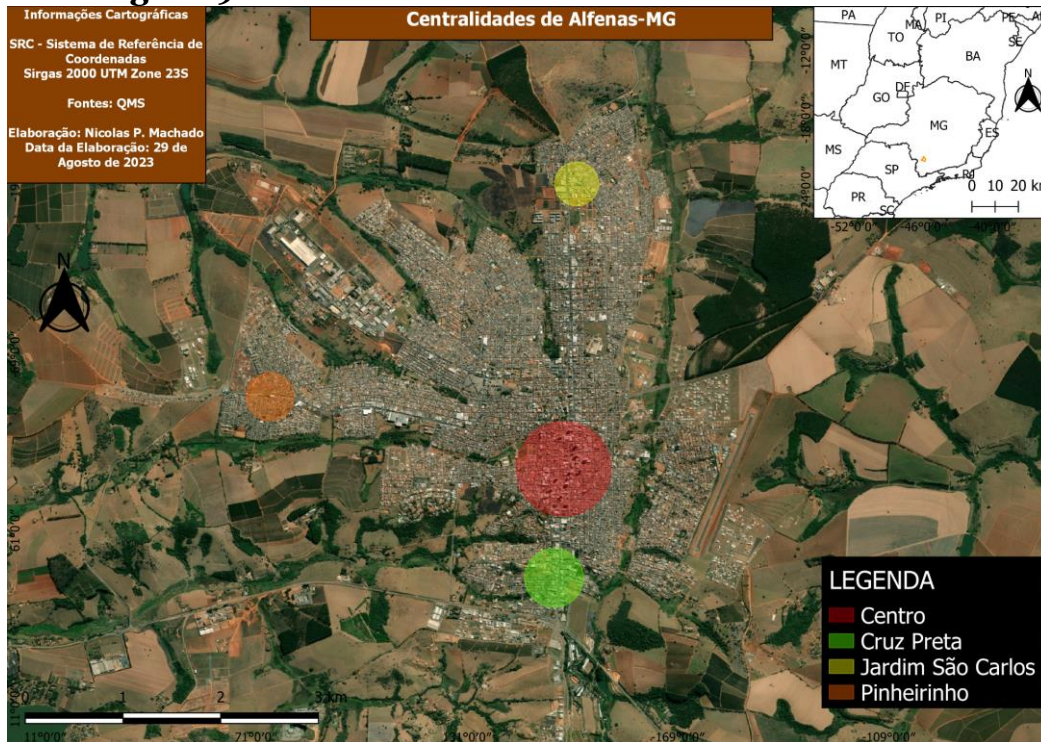
deslocamento de parte dessa população para residenciais fechados de alto padrão no pericentro e periferia.

É importante destacar que esse processo de crescimento não é apenas quantitativo, mas também qualitativo, as relações sociais se alteram, pois as relações de espaço-tempo também foram modificadas. As distâncias de deslocamento aumentam junto com o tempo para percorrê-las e o próprio trânsito, a maior diversidade de atividades também implica um tempo mais fragmentado e acelerado, as relações de anonimato também são alteradas e novas formas de segregação socioespacial vão se colocando.

Alfnas caracteriza-se por ser monocentralizada, isto não significa que não existam outras centralidades, especialmente pontos que apresentam comércio e serviços locais ao longo dos principais eixos de circulação e de entroncamentos destes. Com relação às novas centralidades, além do centro principal, destacamos aqui três, em estágios diferentes de estruturação em função das características de localização, atividades e alcance: Cruz Preta, Pinheirinho e Jardim São Carlos (Figura 9). Estas três centralidades não alcançaram ainda a condição de subcentros, pois não apresentam uma diversidade de atividades que garantam autonomia relativa ao centro principal.

Apesar de receber a denominação dos bairros de origem, o alcance dessas centralidades vai além destes. As três destacam-se pela acessibilidade, situadas nas principais saídas/entradas da cidade, possuem convergências de vias, concentrando fluxos de passagem e do local. Além do comércio e serviços privados, apresentam também serviços públicos, como postos de saúde, escolas, universidades etc. Na Cruz Preta e no Pinheirinho existem equipamentos urbanos de alcance regional, como universidades, e hospital, no caso do primeiro. Embora as centralidades articulem-se principalmente à circulação intraurbana, estes grandes equipamentos de alcance regional condicionam a instalação de outras atividades associadas, especialmente comércios e serviços locais.

Figura 9 - O centro e as novas centralidades em Alfenas-MG



Fonte: Bing Aerial, 2023. Elaboração: Nicolas P. Machado.

A centralidade no bairro da Cruz Preta, localizada no pericentro na porção sul da cidade, envolve um ponto de aproximação das avenidas Lincoln Westin da Silveira e a avenida José de Souza Sobrinho, assim como a proximidade da BR-491, rodovia Domingo Ribeiro Resende. Apoiar-se principalmente na polarização exercida pela Unifenas e o Hospital Alzira Velano, que condicionou a instalação de serviços e comércios ligados a estes, como: hotéis e locação de residências para estudantes, restaurantes e papelaria. Além destes, a existência de oficinas de veículos e lojas de autopeças, atividades típicas expulsas do centro ao pericentro. Com intenso trânsito de passagem de caminhões que circulam pela avenida Lincoln Westin.

Figura 10 - Centralidade na Cruz Preta



Fonte: os autores, 01.11.2023.

A centralidade do Pinheirinho, localizado na periferia oeste da cidade, ocorre principalmente pela presença de equipamentos públicos como postos de saúde, creche, escolas e campus universitário. Os estabelecimentos comerciais têm apenas expressão local, como padaria, açougue, restaurante, loja de móveis, farmácia e mercado (Figura 11). Além desses, tem a feira aos sábados e quadras esportivas na praça principal são a opção de lazer para os moradores, nas proximidades também há a existência de igrejas. A centralidade dá-se especialmente no entorno da praça central nos dois lados da Avenida Jovino Fernandes Sales, principal eixo de circulação no local. A instalação do campus II da Unifal em frente ao bairro Santa Clara promoveu uma intensa especulação imobiliária com a abertura de uma série de loteamentos nas proximidades e valorização dos imóveis, o que pode resultar na expulsão da população mais pobre e a elevação do perfil socioeconômico na área. Na avenida Jovino F. Sales verifica-se uma intensa construção de pontos comerciais e de serviços. A conclusão da avenida Perimetral Oeste também aumentou a circulação no local, com a articulação desta ao trevo do Distrito Industrial e deste com o trevo da avenida Jovino F. Sales e a estrada A. C. Pinheirinho que dá acesso à rodovia BR 491.

Figura 11 - Comércio de alcance local no Pinheirinho



Fonte: os autores, 01.11.2023.

A centralidade do Jardim São Carlos está localizada na periferia, na aproximação das avenidas Benjamin Constant e Governador Valadares, na zona norte da cidade. É a mais recente e a menor das três, com comércio e serviços de alcance local (Figura 12). Possui farmácia, loja de roupas, academia, supermercado, restaurante e oficinas de veículos. Nas proximidades têm as unidades do Programa Saúde da Família (PSF) Jardim Primavera e Jardim Eunice, e a Escola Municipal Dr. João Januário. Mas a expansão do pericentro ao longo da avenida Governador Valadares, empurrando atividades em sua direção, tende a proporcionar mais diversidade e oferta de lojas e serviços no local. O Jardim São Carlos tem origem como um loteamento da década de 1950, é o maior bairro em extensão da cidade, e à medida que o local vai sendo mais ocupado, inclusive com conjuntos habitacionais, a tendência é de uma maior expansão da centralidade, envolvendo os dois lados da avenida Governador Valadares, pois a zona norte também é a maior e mais populosa da cidade.

Figura 12 - Centralidade do Jardim São Carlos



Fonte: os autores, 01.11.2023.

Considerações finais

É importante considerar Alfenas como uma cidade média em consolidação, com distâncias e tempos de deslocamentos não tão expressivos quanto as cidades de portes maiores, entretanto, que também segrega a população mais pobre, por meio de loteamentos populares e autoconstrução em áreas mais precárias. Demonstrando que a segregação não ocorre apenas em função da distância física ou de tempo, mas sobretudo de acesso a equipamentos e serviços urbanos.

A periferia não é mais uma área da cidade como homogeneidade de população mais pobre e inexistência de infraestrutura e serviços básicos. Muitas vezes, esses equipamentos existem, mas são marcados pela precariedade. E a periferia atualmente é caracterizada por uma maior diversidade de usos e de classes sociais, com a constituição de centralidades próprias, o que leva à existência de periferias heterogêneas.

Na atual fase de crescimento, vão se justapondo novos loteamentos, que constituem bairros, sem um maior planejamento com a malha viária, resultando em graves problemas de mobilidade. O que demonstra que a cidade cresceu sem um

planejamento adequado, com a expansão horizontal da mancha urbana e apoiada no transporte motorizado individual.

É preciso ir além do clichê do crescimento desordenado da cidade. Se o poder público pouco a ordena, esta acaba sendo ordenada pela lógica dos promotores imobiliários, que é a lógica de exploração da renda do solo. Dá-se então a seletividade na ocupação do espaço urbano de acordo com o poder aquisitivo dos segmentos sociais, o resultado é a segregação socioespacial e as desigualdades de inserção nos espaços com relação à sua infraestrutura e serviços básicos.

Não há ainda a existência de um subcentro autônomo, mas de centralidades típicas de bairro, de comércio local, sobretudo em eixos de maior circulação, mas que tendem futuramente a formar subcentros de fato, de um lado com a expansão horizontal urbana e de outro com o maior adensamento do centro e seu pericentro. Na passagem de uma cidade de porte pequeno, de forma compacta, para a de uma cidade média de fato com a existência de ao menos um subcentro, assim como para um padrão periférico fragmentado e disperso.

Referências bibliográficas

AMORIN FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. S. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Ed. Vieira, 2007.

AMORIN FILHO, O. B. Um esquema metodológico para o estudo das cidades médias. Anais do II Encontro Nacional de Geógrafos. Belo Horizonte: IGC/UFMG, 1976. In: AMORIN FILHO, O. B.; SENA FILHO, N. S. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Ed. Vieira, 2007.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34, 2000.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2004.

GEIGER, P. P. **Evolução da rede urbana brasileira**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais – Ministério da Educação e Cultura, 1963.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico de 1960**. Minas Gerais Volume I Tomo IX. Rio de Janeiro, 1962.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, Pedro de A. *et al.* **A cidade contemporânea: segregação espacial.** São Paulo: Contexto, 2013, p. 61-94.

SPOSITO, M. E. B. (org.) **Cidades médias: espaços em transição.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 2001.